



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 8, v. 1 nov.2017.-abr. 2018

p. 299-306.

A saga do Siririca

Raphael Soifer¹

RESUMO: Relato pessoal de acompanhar as chamadas "jornadas de junho" de 2013 no Rio de Janeiro e, especificamente, de participar no Beijato de julho daquele ano. O artigo usa palavras de ordem, citações teóricas e versos originais na tentativa de reproduzir algo da experiência heteroglóssica das manifestações de rua, e parte da experiência de um corpo lido como branco, gringo e "queer" diante da violência sistêmica da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro; corpos ausentes; protesto; rua; manifestação.

Abstract: Personal report that follows the so-called "June days" of 2013 in Rio de Janeiro and, specifically, the Beijato of July of that year. The article uses slogans, theoretical quotations and original verses in an attempt to reproduce something of the heteroglossic experience of street protests, and part of the experience of a body read as white, gringo and queer in the face of systemic violence by Rio Military Police.

Keywords: Rio de Janeiro; absent bodies; protest; street; manifestation;

Resumén: Relato personal que observa las llamadas "jornadas de junho" de 2013 en Rio de Janeiro y, especialmente, participa del Beijato de julio del mismo año. Este artículo se utiliza de las palabras de orden, citas teóricas y versos originales en el intento de reproducir algo de la experiencia heteroglósica de las manifestaciones callejeras, y parte de la experiencia de un cuerpo leído como blanco, gringo y "queer" delante de la violencia sistemática de la Policía Militar de Rio de Janeiro.

Palabras clave: Rio de Janeiro; cuerpos ausentes; protestas; calle;

¹ Sou performer e pesquisador enfiado por entre planejadorxs. O artigo é um trecho não-público da minha tese de doutorado, "Olha eu aqui de novo!"

Recebido em 11/09/17

Aceito em 24/10/17

22 de julho de 2013
Rua das Laranjeiras, Laranjeiras

No dia 22 de julho de 2013, a explosão de adrenalina do início das “jornadas de junho”, no mês anterior, ainda não tinha dissipado e uma energia irrestrita ainda parecia correr pelas ruas:

Amanhã vai ser maior!
Amanhã vai ser maior!

Ao mesmo tempo, muita coisa tinha acontecido desde que os atos, manifestações e passeatas viraram eventos quase diários. Semi-convencidxs de que amanhã poderia ser maior, ainda prezávamos pela junção de cada vez mais corpos

Vem! Vem!
Vem pra rua, vem!

Mas todo mundo já sabia, há pelo menos uma semana, do desaparecimento do pedreiro Amarildo Dias de Souza Lima às mãos de policiais ditos “pacificadores” da favela de Rocinha

Ei! Polícia!
Cadê o Amarildo?

além de outros tantos casos de corpos ausentados violentamente das ruas.

(Por exemplo, todo mundo também sabia há quase um mês do massacre de 10 pessoas na Maré, na madrugada do dia 25 de junho. Uma semana depois, no dia 2 de julho, um ato com milhares de pessoas tomou a pista lateral da Avenida Brasil. Começou tenso: além da chuva e do frio, estávamos cercados por centenas de soldados da Polícia Militar e do exército. Lembro que também terminou tenso, com ativistas e líderes comunitárixs discordando entre si se seria apropriado cantar o hino nacional para encerrar o ato. No dia, encontrei com algumxs amigxs mareenses; também reconheci muitxs moradorxs da Zona Sul no ato, pessoas que eu nunca tinha visto nos saraus, shows e blocos em que fui, vez ou outra, no Complexo. Mas mesmo com tanta gente se deslocando para Avenida Brasil naquele dia, a memória da chacina não acabou se deslocando tanto para outras partes da cidade e outros atos; não ficou difundida e generalizada como a memória do Amarildo. Não sei dizer porque, pelo menos não com nenhuma certeza ou finalidade. Imagino que muitos fatores tenham a ver: o contraste entre a localização da Maré, tida como periférica, e da Rocinha, tida como central; a relativa facilidade de lembrar do nome de uma única vítima, em vez de muitas; o fato da Rocinha ser “pacificada” desde janeiro de 2012; a reputação de violência que Maré já carregava no imaginário popular. Foi uma ativação de memória que acabo reproduzindo aqui: enquanto Amarildo virou Causa, pauta central, as vítimas da chacina na Maré ficaram como notas de rodapé).

Não é mole, não!
Pedi transporte público, mandaram caveirão!

Mesmo depois de um mês de atos e protestos e manifestações quase diárixs,

que, a essa altura, já ganharam fama como “jornadas”



cada mobilização ainda era uma novidade. Mas já estávamos começando a ficar acostumadxs com uma certa progressão-padrão:

Uma certa progressão-padrão

1. Concentração

Chegar, encontrar amigxs e conhecidxs; trocar ideias e experiências de outros atos; paquerar pessoas vistas em outros atos mas ainda não conhecidxs; tomar água ou cerveja ou algo açucarado ou seja o que for.

2. Caminhada

Se deslocar com ou sem um destino especificado; cantar palavras de ordem.

3. Pausa tensa

Ficar barradxs pela Tropa de Choque, com ou sem motivos óbvios; cantar mais palavras de ordem; ficar em um silêncio desconfortável, esperando algo acontecer; esperar algumas muitas coisas a serem jogadas ou lançadas ou explodidas.

4. Porradaria irrestrita

Tiro, porrada e bomba; bastante correria; vitrines e placas de ruas quebradas; fogueiras improvisadas e ônibus queimados; gente ferida; mais palavras de ordem.

Eventualmente, todas essas atividades poderiam se entrelaçar e repetir muitas vezes em um único ato, mas essa progressão básica tendia a se manter.

Hoje, no dia 22 de julho, me juntei à concentração do Beijato, um pré-ato LGBTQI+

(naquela época, ainda foi classificada apenas como LGBT)

marcada em frente à Igreja da Nossa Senhora da Glória para protestar a chegada do Francisco, o novo Papa, no Rio de Janeiro, para a Jornada Mundial da Juventude.

(Com menos de quatro meses como Papa, Francisco ainda não tinha virado nenhum ícone pseudo-progressista).

**As gay! As bi! As trava e as sapatão
tá toda organizada pra fazer revolução!**

Nem lembro se beijei ninguém. Pelo menos ganhei mais purpurina de que eu já estava usando, além de uma touca de freira de azul claro, para complementar meu look do dia: um vestido vermelho esfarrapado, e Siririca, meu pônei-de-pelúcia-com-zíper, agindo como mini-mochila nas minhas costas.

Lá no Largo do Machado,
muita gente emancipada
se juntou em um "Beijato":
viadagem engajada.



Os fiéis que estavam do lado
rezavam, xingavam e coisa e tal.
Mas o Beijato não perdeu o foco:
quem pegou, pegou geral.

Pesquisando bem de perto
quer dizer, até colado
quer dizer, até de dentro
caminhei com o Beijato.

Siririca estava junto
nas minhas costas, entrava na pilha,
porque, além de ser pônei,
ele também é mochila.

Sáimos por volta das 18h, descendo a Rua das Laranjeiras em sentido ao Palácio Guanabara, onde o Papa estava sendo recepcionado por Sérgio Cabral e Eduardo Paes e outras figuras de classes ditas representativas, e por onde vários outros atos também foram convocados. Estava escurecendo, e as luzes dos apartamentos nos prédios da rua estavam começando a ser acesas.

**Quem apoia, pisca a luz!
Quem apoia, pisca a luz!**

Pelo fato da gente estar no Beijato, nossas palavras de ordem mudaram rapidamente

**Quem apoia, pisca o cu!
Quem apoia, pisca o cu!**

Essas variações em palavras de ordem já surgiram antes. Aliás, a problematização ou queerificação de palavras de ordem já estava meio estabelecida

**Ei! Cabral!
Vai tomar no cu!**

Em pelo menos alguns setores do mundinho ativista, as ofensas mais tradicionalmente machistas foram sendo trocadas por outras que expressaram uma consciência corporal mais desenvolvida.

**Ei! Cabral!
Toma da polícia!
Porque tomar no cu
eu te garanto é uma delícia!**

Ou seja: eu e o Siririca estávamos no lugar certo.

Nós estamos afirmando:
pesquisamos caminhando
pesquisamos transgredindo
pesquisamos se jogando.



(A desculpa-padrão que eu sempre estava preparado para dar caso eu tivesse que responder a algumx policial ou outra autoridade qualquer era que eu estava ali como pesquisador do IPPUR. É uma colocação que vejo como bastante incompleta, mas não chega a ser mentira; aliás, não tem como negar. Mas não sei até que ponto eu me vi como Pesquisador naquela noite, ou em qualquer outro ato. Continuo achando que a pesquisa incorporada e transgressiva é extremamente necessária, mas também vejo como minha facilidade de assumir qualquer ação minha como sendo pesquisa é inseparável dos vários privilégios carregados no meu corpo e por meu corpo).

E depois, outrxs milhares,
com as cucas bem odara,
se juntaram pra marchar
até o Palácio Guanabara.

A polícia nos olhava
na Rua das Laranjeiras
de viatura e de helicóptero:
vigilância aérea.

Pelo que eu lembro, a Pausa Tensa, já muito previsível, demorou um pouco para se instalar depois que chegamos na Rua Pinheiro Machado, que dá acesso ao Palácio. A rua estava totalmente bloqueada por centenas de policiais, mas mais-ou-menos uma hora depois que a caminhada parou, ainda lembro de uma certa efervescência própria dos encontros, dos desafios diretos de palavras de ordem e dos gritos de guerra.

**Não adianta me reprimir:
esse governo vai cair!**

**Sem hipocrisia!
Essa polícia mata gente todo dia!**

**Amarildo!
Presente!**

Àquela altura das “jornadas”, todo mundo já ficou desconfortável logo quando paramos. Por um lado, já sabíamos muito bem da truculência que estava para vir. Por outro lado, a repressão de cada ato sempre apresentava

e ainda apresenta

alguma inovação.

Chegando lá no Palácio,
na panopticidade,
começamos a ver problemas
com a eletricidade,

pois os postes que sempre
iluminavam as “jornadas”
de repente escureceram
com suas luzes apagadas.



Lá de cima, dos helicópteros,
brilhavam holofotes
encurralando a gente
tipo gado, tipo bodes.

(Ou, no caso de Siririca, tipo pônei).

A Polícia também
filmava tudo que passava
esperando o sinal
para descer uma porrada,

e, depois de algumas horas,
pelo céu de Laranjeiras
voava um *molotov*
e a rua virou uma cena de guerra.

Mas, segundo testemunhas
de todo e qualquer lado,
quem jogou o molotov
foi PM infiltrado.

Pelo que eu lembro, a Porradoria Inevitável começou repentinamente depois dos coquetéis molotov

lembro de ter visto dois,

e nem deu tempo de ninguém gritar

Não corre!

Por instinto, peguei a mão de uma mulher baixinha, que deveria ter uns dez anos a mais que eu, que estava do meu lado, filmando. Não lembro da gente ter falado nada, só de ter se olhado, de segurar firme umx nx outrx e de correr para tentar fugir do gás.

Corremos em toda direção
mas não adiantava:
para onde que nós fomos
a PM já estava

Na Paissandu - não tinha saída
Coelho Neto - não tinha saída
Na Ipiranga - clandestino
Pinheiro Machado - ilegal!²

² A ritmo de "Clandestino", de Manu Chao.



Não lembro quem largou a mão de quem primeiro, ou em qual rua. Sei que, de algum modo, cheguei sozinho na Rua das Laranjeiras, mais ou menos na altura da Travessa Eurícles de Matos.

Algumas vezes por ano, me esbarro com essa mesma mulher em algum ato ou show ou seja o que for pelas ruas. Mas não nos cumprimentamos. Imagino que ele já tenha esquecido de mim; mas talvez ela me reconhece e imagina que fui eu que esqueci dela.

Ao longo da Rua das Laranjeiras, funcionárixs estavam fechando as grades das lojas enquanto fregueses se esconderam; mesmo assim, não vi nenhuma porradaria mais pela frente e nenhuma pluma de gás. Duas pessoas carregando uma câmara e um microfone me pararam, pedindo para eu fazer um gravação curta perguntando

Cadê o Amarildo?

(Anotei, no dia seguinte, que uma era mulher e o outro era homem; não lembro mais nada sobre elxs).

Logo quando tudo estava pronto, um camburão da Tropa de Choque passou e quatro policiais saíram correndo em nossa direção. Ouvi estalos imediatamente, mas demorei alguns segundos para sacar que tinham atirado em nossa direção, e que o gás lacrimogêneo estava começando a sair por uma bomba bem do lado da gente. Na confusão, o cara com a câmara tropeçou, e eu, sentindo toda a adrenalina mas bem pouca da camaradagem que tinha me comovido do lado do Palácio Guanabara, nem parei para ajudá-lo a se levantar. Pulei por cima dele e da bomba e comecei a correr de volta no sentido da Rua Pinheiro Machado, a única abertura possível que vi numa Rua das Laranjeiras que parecia estar coberta de uma névoa dolorida.

Só consegui correr, no máximo, uns 50 metros a mais antes de dar de frente com um mini-comboio de mais camburões do Choque. Parei, sem saber por onde sair

e Siririca, sendo inanimado, não tinha outra escolha a não ser seguir meu exemplo.

12 desses RoboCops
se achando nossos mestres
nos paramos com mais 10
manifestantes e pedestres;

nos empurraram para um muro
com toda autoridade
para ser fotografadxs,
catalogadxs e revistadxs.

Quando chegou a nossa vez
(digo, eu e Siririca)
de ser revistados e postos
em alguma rubrica

Peguei no zipper do bicho
e comecei a abrir
mas o rapa, pelo visto,



nem queria conferir

Ele olhou para o pônei
pro meu look meio *queer*
e me xingou de viado.
Depois, me deixou sair.

Nesse caso, meu *look* esquisito, um tanto fora dos padrões, em combinação com a cor branquela da minha pele e outros fatores menos imediatamente visíveis, já foi o suficiente para me liberar de uma repressão maior. Já tinha sido o caso em anos anteriores, e continuou a ser o caso ao longo das “jornadas” de 2013; nem sempre escapei totalmente ileso de qualquer ato ou manifestação, mas nunca levei os piores efeitos da porradaria que outros corpos estavam levando.

Olha eu aqui de novo!
Olha eu aqui de novo!

Ao mesmo tempo em que o clamor e efervescência dessas “jornadas” iniciais mantinham um vínculo declarado com o passado

sem necessariamente explicitar a qual passado

já se projetava para o futuro desde muito antes daquele dia 22 de julho, mirando diretamente às **mega**-preparações para o que era para ser o destaque internacional do Rio de Janeiro e do Brasil, logo no próximo ano...

Não vai ter Copa!
Não vai ter Copa!

